

**BOLA NA REDE E O POVO NAS RUAS! ESTADO NOVO,
IMPrensa ESPORTIVA E TORCEDORES NA COPA DO MUNDO
DE 1938: O FUTEBOL CONSTRUINDO A “NAÇÃO”**

Felipe Morelli Machado¹

Pontifícia Universidade Católica

São Caetano do Sul, Brasil

felipemachadopuc@hotmail.com

Recebido em 11 de novembro de 2010

Aprovado em 19 de dezembro de 2010

Resumo

Este artigo analisa a Copa do Mundo de futebol disputada em junho de 1938 na França, entendida como momento emblemático para a compreensão das negociações, conflitos e tensões sociais que permearam a construção da “nação” a partir do envolvimento de figuras proeminentes do Estado Novo, imprensa esportiva e torcedores com a campanha do selecionado brasileiro. Trata-se de um episódio esportivo de grande repercussão na vida nacional e cuja mobilização em torno da seleção revela concepções distintas a despeito do “Brasil” que se fazia representar em campos franceses. Mais do que um elemento promotor de unidade, capaz de congregiar - na mesma torcida -, grupos sociais antagônicos e irmanar – sob uma mesma paixão - indivíduos dos mais diferentes perfis sócio-culturais, o futebol emerge neste episódio como espaço de disputas, desavenças e rivalidades que se encontram na base da edificação do sentimento nacional e da afirmação de um “estilo brasileiro” de jogar bola.

Palavras-chave: futebol; nação; Copa do Mundo.

Abstract

Ball in the back of the net and people in the streets! New State, sports press and supporters in the 1938 World Cup: football building a “Nation”

This article analyses the Football World Cup disputed in June of 1938 in France, perceived as an emblematic moment for the understanding of the negotiations, conflicts and

¹ Mestrando em História Social. Desenvolve a referida pesquisa como bolsista CNPQ, sob orientação da Profa. Dra. Estefania Knotz C. Fraga.

social tension, which permeated the construction of the “nation”, after the involvement of relevant persons from the New State, sports press and supporters, with the Brazilian team campaign. It is about a sports episode of great repercussion on the national life and whose mobilization, around the Brazilian football team, reveals distinct conceptions, despite the “Brazil” that was represented in the French fields. More than a forwarder of unity, capable of congregating among the same supporters antagonistic social groups, and join in fellowship – under the same passion – individuals from the most varied social cultural profiles, in this episode, football arises as a quarreling space, with disagreements and rivalries, which are found in the construction base of the national feeling and the affirmation of a “Brazilian style” of playing football.

Keywords: football; nation; World Cup.

Nelson Rodrigues traçou o seguinte comentário sobre a atmosfera vivida no Rio de Janeiro quando da estreia da seleção brasileira de futebol na Copa do Mundo de 1966, disputada na Inglaterra:

... toda a cidade parou. As nossas madames Bovary, as nossas Anas Karêninas suspenderam seus amores e seus pecados, das três às seis. Os bandidos do Leblon não assaltaram senhoras nem crianças ... Ontem ninguém era credor, ninguém era devedor. Éramos apenas brasileiros, da cabeça aos sapatos (RODRIGUES, apud MARQUES, 2000, p. 77).

Na atual conjuntura dos primeiros anos do século XXI não seria exagero nenhum considerar o futebol como um esporte que arrebanha multidões nos mais diferentes cantos do planeta, navegando como elemento transversal sob diferentes mundos. O futebol dos estádios, casas, esquinas e ruas. Futebol do cotidiano de uma imensa maioria dos brasileiros mobilizados em torno de uma paixão capaz de aproximar e irmanar indivíduos dos mais diferentes perfis sócio-culturais, ao mesmo tempo em que promove as mais acaloradas discussões, rivalidades, sentimentos e práticas hostis. O futebol que para muitos é o assunto por excelência e que não escapou aos olhos e à imaginação do cronista e dramaturgo Nelson Rodrigues, delineando - em seu estilo hiperbólico e irônico de criações imagéticas -

o momento em que o sentimento nacional ganha os contornos mais nítidos e exacerbados, a Copa do Mundo. Mas, nem sempre foi assim.

A percepção do potencial aglutinador e formador da identificação nacional em torno da seleção brasileira durante a Copa do Mundo nos remete ao momento em que o futebol repercutiu na vida nacional em dimensões até então jamais vivenciadas, a Copa do Mundo da França de 1938:

João Pessoa – A irradiação do jogo Brasil x Polônia, foi ouvido nesta capital com o maior entusiasmo e interesse. O governo e as sociedades recreativas mandaram instalar nos principais logradouros públicos, poderosos alto-falantes. Assim o povo paraibano, vibrando de entusiasmo acompanhou a sensacional luta de football. A vitória dos brasileiros motivou grandes demonstrações de alegria, por parte da população.

Recife – Grande quantidade de povo aglomerou-se nas portas dos cafés e nas praças públicas, ouvindo ontem, a irradiação do jogo, Brasil x Polônia.

A vitória final dos brasileiros foi recebida com delirantes manifestações de regozijo.

Vitória – A partida de futebol entre o Brasil e a Polônia, ontem realizada, em disputa do Campeonato Mundial foi acompanhada pelo rádio com grande entusiasmo patriótico por toda a população desta capital.

Além das pessoas que ouviram a irradiação em suas residências particulares, mas de mil pessoas se reuniram na praça Independência, onde foram instalados alto-falantes

Porto Alegre – Incalculável massa popular afluiu, ontem, a vários pontos da cidade, ouvindo a irradiação do jogo Brasil x Polônia.

Belo Horizonte – O povo vibrou intensamente sendo empolgado do maior entusiasmo quando foi anunciada a vitória brasileira. Cada lance do jogo era acompanhado de aplausos, num verdadeiro delírio popular².

Manifestações como estas descritas em breves notas pelo Jornal dos *Sports* (RJ), atestavam o grande entusiasmo da torcida em diversos cantos do país após a dramática vitória brasileira na estréia contra a Polônia, por 6 a 5, com direito a prorrogação e a primeira grande exibição do “Diamante Negro” Leônidas da Silva diante do público

² Jornal dos *Sports*, 7 jun. 1938, p. 5.

francês³. Mas a verdadeira empolgação seria então verificada pelas bandas de cá, onde o triunfo do escrete nacional fazia delirar e enchia de orgulho um número incalculável de torcedores espalhados pelo território nacional. Diversos alto-falantes foram instalados em vários pontos das principais cidades do país permitindo aos populares que pudessem torcer e acompanhar cada lance do prélio contra os poloneses. O torcedor apoiava, aplaudia como se estivesse em canchas francesas. Nunca até então na história das Copas a seleção estivera tão longe e ao mesmo tempo tão perto do povo.

A seleção avançaria no torneio e teria pela frente os tchecos em seu segundo *match*. O empate verificado no tempo normal e na prorrogação obrigaria a realização de uma segunda partida entre as equipes⁴. Nas ruas da capital federal o entusiasmo não seria menor, e o relato do cronista do *Jornal dos Sports* tratava das mais inusitadas manifestações desencadeadas pela vitória brasileira neste jogo-desempate, que garantiu a inédita passagem a semifinal:

Foi uma coisa louca! Houve de fato algo de loucura, loucura coletiva, nas manifestações que a cidade celebrou o triunfo brasileiro. Passeatas, gritaria, ruídos de todos os gêneros, bombas, cantos patrióticos, serpentinas, confete, folhetos, papel rasgado – eis o que se viu e ouviu durante horas inteiras no cenário carioca ...⁵

Alguns fatores colaboraram decisivamente para tamanha mobilização em torno do selecionado nacional. Em linhas gerais merece destaque a intensa cobertura dos jornais em torno deste acontecimento; a transmissão direta via rádio de todas as partidas do

³ Nesta partida de estréia Leônidas anotou 3 gols para o Brasil, incluindo o da vitória na prorrogação. *Jornal dos Sports*, 6 jun. 1938, p. 1.

⁴ Este primeiro jogo entre Brasil e Tchecoslováquia terminou com o placar de 1 a 1, com gols de Leônidas da Silva e Nejedly (pênalti).

⁵ *Jornal dos Sports*, 15 jun. 1938, p. 5.

selecionado nacional para as principais praças esportivas do país⁶; campanhas para a arrecadação de donativos destinados ao custeio das despesas da delegação - junto a bancos, indústrias e comércio; iniciativas⁷ voltadas para a aglutinação dos diferentes grupos sociais em torno do escrete brasileiro; o apoio do recém-inaugurado regime estado-novista na figura do chefe da nação, Getúlio Vargas; a pacificação do campo esportivo que permitiu à seleção pela primeira vez contar com os principais jogadores que atuavam nos clubes do Rio de Janeiro e São Paulo - com destaque para craques como o zagueiro Domingos da Guia e o centroavante Leônidas da Silva (ambos que à época defendiam as cores do Flamengo). Esses elementos fizeram da participação brasileira neste torneio uma questão de ordem e dimensão nacional.

Neste sentido, tal relação que aproxima futebol e nação⁸ é ainda hoje evidenciada em expressões que povoam o senso comum e que caracterizam o Brasil – perante os

⁶ Pela primeira vez as partidas do selecionado nacional na Copa do Mundo seriam transmitidas diretamente para o Brasil via rádio. Assim como ocorrera no sul-americano de 1936-7, disputado em Buenos Aires, a Rádio Club do Brasil (PRA-3), emissora do Rio de Janeiro – em parceria com o Cassino da Urca, o Jornal dos Sports e O Globo - adquiriu (por uma alta quantia de cerca de 100 contos de réis por partida) os direitos de transmissão dos jogos do escrete brasileiro em tempo real para os principais estados do país. A irradiação seria redistribuída, como forma de divisão de gastos, por cerca de 45 emissoras que compunham a Rede Nacional, através do programa “Hora do Brasil”. *Jornal dos Sports*, 10 abr. 1938.

⁷ A de maior vulto neste propósito foi a “Campanha do Selo”, que consistia, basicamente na emissão de selos numerados pela CBD que poderiam ser adquiridos por uma módica quantia de 500 réis por qualquer torcedor que desejasse se engajar na campanha brasileira, sendo todo o valor arrecadado com a venda dos selos destinado ao custeio das despesas da delegação na disputa da Copa do Mundo. O torcedor que tivesse o número de seu selo sorteado teria como prêmio o direito a compor a delegação que seguiria rumo a França, com passagens de ida e volta e todas as despesas de hospedagem, alimentação e outras cobertas pela CBD. *Jornal dos Sports*, 24 mar. 1938.

⁸ De acordo com Stuart Hall (2003) a “nação” deve ser compreendida não só em sua condição política mas como comunidade simbólica representada por um conjunto de significados que tem o poder de gerar um sentimento de pertencimento. Assim, se coloca como fundamental, em sua concepção, o entendimento das *culturas nacionais* como discursos que produzem sentidos e, por sua vez, influenciam nossas ações e a representação que temos de nós mesmos: “As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre “a nação”, sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades. Estes sentidos estão contidos nas estórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas. Como argumentou Benedict Anderson, a identidade nacional é uma ‘comunidade imaginada’” (HALL, 2003, p. 51). O argumento de Hall - ao aludir à noção elaborada por Anderson (1989) sobre o assunto é o de que as identidades nacionais não estão naturalmente ligadas à questão da origem do

próprios brasileiros e o mundo – como o “país do futebol”, a “pátria de chuteiras” etc. Por conseguinte, apregoa-se uma imagem do jogador brasileiro como aquele provido de capacidades especiais que o destacam em relação aos jogadores de outros países, o portador de um talento que é constantemente reafirmado como um desígnio divino, um “dom” de jogar bola que o diferencia dos demais. Todavia, não nos pode escapar que esta é uma sentença social e historicamente construída e que tal associação entre futebol e nação pode mascarar inúmeros conflitos, descompassos, descontinuidades, enfim, questões que precisam ser evidenciadas e problematizadas, uma direção a qual esta reflexão a despeito da Copa do Mundo de 1938 se propõe a trilhar.

É no contexto dos anos de 1930, onde o futebol *association* já havia perdido no Brasil seu caráter de fidalguia face ao número cada vez maior de jogadores negros, mulatos e brancos pobres que se destacavam nos quadros dos grandes clubes, que duas figuras da crônica esportiva protagonizaram uma verdadeira transformação no tratamento dado ao futebol nas páginas esportivas de jornais de grande circulação nos dois grandes centros do país: Mario Filho (RJ) e Thomaz Mazzoni (SP). É de autoria do primeiro a obra que se constitui como pedra fundamental para a grande maioria das produções sobre a trajetória do futebol brasileiro, *O Negro no Futebol Brasileiro* (RODRIGUES FILHO, 2003), prefaciada pelo sociólogo Gilberto Freyre, clássico que abriu as portas para outra leitura de nossa sociedade que passasse pelo futebol como um de seus elementos explicativos.

indivíduo, mas são construídas e modificadas de acordo com a representação da cultura nacional da qual este sujeito participa e se sente participante. Assim, enseja-se a necessidade de se analisar as culturas nacionais não sob este pressuposto de unicidade, mas como um “dispositivo discursivo” que apresenta a diferença “como unidade ou identidade” (HALL, 2003, p. 62). À luz de suas contribuições mas, principalmente, com base no trato com as fontes – a “identidade nacional” emerge, em nossa compreensão, como uma construção simbólica que não encontra sua correspondência no real de forma homogênea.

Em linhas gerais, a inserção de jogadores negros e mulatos no “fidalgo esporte” – ainda que abordada no livro a partir de casos que demonstravam os conflitos e lutas para a superação dos preconceitos –, não era desta forma valorizada na idéia central do autor de que o futebol havia se constituído numa expressão de nossa “democracia racial”, comprovada na ascensão destes jogadores e novos torcedores das camadas menos abastadas, que passavam também a afluir aos estádios:

E quem está na geral, na arquibancada, pertence à mesma multidão. A paixão do povo tinha de ser como o povo, de todas as cores, de todas as condições sociais. O preto igual ao branco, o pobre igual ao rico. O rico paga mais, compra uma cadeira numerada, não precisa amanhecer no estádio, vai mais tarde, fica na sombra, não apanha sol na cabeça, mas não pode torcer mais do que o pobre, nem ser mais feliz na vitória, nem mais desgraçado na derrota (RODRIGUES FILHO, apud SOUZA, 2002, p. 198).

Este é um dos trechos que foram deixados de fora pelo próprio autor da segunda edição do clássico, publicada em 1964. Nela, Mario Filho revisou algumas de suas interpretações sobre o futebol brasileiro, sob influência dos episódios de discriminação a jogadores negros e mulatos que continuariam ocorrendo após 1947. O mais marcante de todos foi alimentado pelo próprio jornalista após a já mencionada derrota brasileira para o Uruguai na final da Copa de 1950, onde a culpa pela derrota – na ótica de Mario Filho – teria sido depositada sobre jogadores negros que defendiam o escrete nacional, casos de Barbosa, Bigode e Juvenal, taxados de covardes, fracos, e outras depreciações que para o jornalista estariam diretamente vinculadas à sua cor.

Muito embora não concordemos com sua narrativa e sua bandeira erguida principalmente no que diz respeito à defesa de um suposto triunfo da democracia racial via futebol em nossa sociedade, nos cabe aqui o registro da importância desta obra, algo

corroborado em sua larga utilização por autores de diferentes campos do conhecimento, o que, por sua vez, também não implica o abandono de uma postura crítica quanto às concepções de futebol e Brasil nela expressas.

Conforme o historiador André Mendes Capraro (2007, p. 225), em Mario Filho há uma assumida influência da teoria freyreana. O Sociólogo pernambucano advogava no Brasil – a partir de uma originalidade sócio-etnográfica como influência da Antropologia Cultural – um novo referencial sociológico pautado na perspectiva de formação e caracterização do que ele denominara de “brasilidade”, e que teria no esporte mais popular do país – a partir de figuras de destaque como Domingos, mas, principalmente, Leônidas da Silva no contexto dos anos 1930 e 1940 – a sua reafirmação, em termos de construção de uma identidade nacional sedimentada na miscigenação. Na questão racial em Gilberto Freyre situa-se positivamente um aspecto formador e definidor de uma identidade “tipicamente” brasileira.

O inédito terceiro lugar alcançado na Copa do Mundo de 1938 se constituiria como solo fértil para a construção de um estilo brasileiro de jogar bola cujas características expressariam o próprio Brasil e, para tanto, o contexto dos anos 1930 e 1940 – que define mais nitidamente esta construção – seria extremamente propício para o surgimento de obras clássicas como *Casa-Grande & Senzala* e *Sobrados e Mucambos*, *Raízes do Brasil*, e *O Negro no Foot-ball Brasileiro*, por acompanhar um processo de construção da identidade nacional tão operacionalizada pelo regime varguista, além de partir do combate às teorias que apontavam para a inferioridade brasileira com base em nossa formação social marcada pela mestiçagem, tomada sob o ponto de vista biológico como uma mistura de espécies que desencadearia a geração de um grupo estéril, um impedimento à civilização. A mestiçagem,

a partir de Freyre, torna-se uma virtude brasileira e nosso diferencial, como argumenta André Botelho (2005):

Ao tentar mapear a sociedade brasileira, através da formação da família patriarcal, Gilberto Freyre revoluciona os estudos das relações raciais no Brasil. Lutando contra os mitos negativos do racismo, e fundando a noção de democracia racial. Antes dele, a discussão sobre as questões raciais, giravam em torno de graves preconceitos encontrado em várias teorias. A primeira ... apontava a miscigenação como uma característica irreversível. Principal responsável pelo fracasso do país enquanto nação. A miscigenação vista sob um prisma biológico, ao proporcionar a mistura de diferentes “espécies”, levava inevitavelmente a formação de um grupo estéril, sob diversos pontos de vista. De acordo com esta teoria, a sociedade brasileira estava irremediavelmente impedida de civilizar-se. O segundo ponto de vista está ligado diretamente ao primeiro. Diz respeito a teorias que visavam “concertar” esta situação de inferioridade. Partindo da miscigenação com principal impeditivo da superação dos problemas brasileiros. A única solução encontrada seria a reversão deste problema, através de uma política de branqueamento. Mediante a um profundo levantamento documental, o conjunto da obra de Freyre, vai criticar severamente essas teorias racistas. E tomando uma direção oposta, seu pensamento pode ser visto como um elogio da mestiçagem. Colocando a idéia de raça em segundo plano e superdimensionando a cultura, constrói-se uma via que permite uma concreta possibilidade para valorização da contribuição do negro, do europeu e do índio para a formação da identidade nacional (p. 19).

Nesse sentido, compreende-se o impacto positivo gerado por *Casa-Grande & Senzala* no momento de sua publicação, cujo valor reside na própria singularidade da abordagem freyreana na evocação das virtudes da mestiçagem para a formação sócio-cultural brasileira. Uma leitura feita sob influência da antropologia cultural norte-americana (marcadamente a partir de sua relação com Franz Boaz em seu período de estudos nos EUA) cuja receptividade pode ser também entendida pelas demandas sociais bem como políticas de um período marcado pela mudança do regime oligárquico ao ditatorial varguista que trazia como base de sustentação o projeto de construção da identidade

nacional que, em última instância, visava o fortalecimento do poder central, segundo Tiago Maranhão (2004):

A calorosa acolhida da nova e "verdadeira" identidade coletiva, mestiçamente definida, proposta por Gilberto Freyre explica-se pelo original traço integrador em sua reinterpretação da história do Brasil. Ao equilibrar os antagonismos sócio-raciais do passado sem anular a especificidade das diferenças, o escritor pernambucano ia ao encontro da demanda social (e também política) do presente, colocando a velha e problemática questão nacional em novos - e atuais - termos: nossa singularidade enquanto povo vem da mestiçagem e isso seria motivo de orgulho, não de vergonha. Assim, ainda que deixasse transparecer uma certa nostalgia das oligarquias, Casa-Grande & Senzala pôde ser interpretado como uma afirmação corajosa de crença no Brasil, no mestiço e no negro ...

Tal pensamento servirá como sustentação e legitimação de práticas populares que difundiam-se cada vez mais na vida nacional, principalmente o futebol que, com a popularização característica das décadas de 1910, 1920 e 1930 e a inserção de negros e mulatos nos grandes clubes do país, ganhava já os contornos de expressão cultural do “ser brasileiro”, no que havia de mais genuíno neste perfil. Todavia, foi durante a Copa de 1938 que Freyre exporia de maneira mais elaborada o que havia insinuado a respeito do futebol brasileiro em *Sobrados e Mucambos*, por meio do célebre artigo “*Foot-ball* mulato”, escrito para os Diários Associados e publicado no Diário de Pernambuco:

Um repórter me perguntou anteontem o que eu achava das admiráveis performances brasileiras nos campos de Strasburgo e Bordeaux. Respondi ao repórter - que depois inventou ter conversado comigo em plena praça pública, entre solavancos da multidão patriótica na própria tarde da vitória dos brasileiros contra os tchecoslovacos – que uma das condições dos nossos triunfos, este ano, me parecia a coragem, que afinal tivéramos completa, de mandar à Europa um team fortemente afro-brasileiro. Brancos, alguns é certo; mas grande número pretalhões bem brasileiros e mulatos ainda mais brasileiros. Porque a escolha de jogadores brasileiros para os encontros internacionais andou por algum tempo obedecendo ao mesmo critério do Barão de Rio Branco quando senhor-todo-poderoso do Itamaraty; nada de pretos nem de mulatos chapados, só brancos ou então mulatos tão claros que

parecessem brancos ou, quando muito caboclos, deviam ser enviados ao estrangeiro...

Morto Rio Branco, desaparecia o critério ante-brasileiro do Brasil se fingir de República dos arianos perante os estrangeiros distantes que só nos conhecem através de ministros ruivos ou de secretários de delegação de olhos azuis. E de tal modo desapareceria o falso e injusto critério da seleção de louros que o próprio Barão seria substituído no Itamaraty por mulatos ilustres – um deles o grande brasileiro que foi Nilo Peçanha.

Nilo Peçanha ... Assistindo, também anteontem, à fita que reproduz o jogo dos brasileiros contra os poloneses, foi de quem me lembrei – de Nilo Peçanha. Porque o nosso estilo de foot-ball lembra o seu estilo político.

O nosso estilo de jogar foot-ball me parece contrastar com o dos europeus por um conjunto de qualidades de surpresa, de manha, de astúcia, de ligeireza e ao mesmo tempo de espontaneidade individual em que se exprime o mesmo mulatismo de que Nilo Peçanha foi até hoje a melhor afirmação na arte política. ...⁹

O artigo publicado após a vitória brasileira na segunda partida contra os tchecos não se tratava de uma voz solitária a defender a diferenciação do estilo brasileiro em relação ao estilo europeu de jogar *foot-ball*, haja vista que os próprios jornais do Velho Continente tratavam de reconhecer a distinção. Tampouco se tratou de uma sentença pioneira já que, como bem lembra Franzini, na conquista do Sul-Americano de 1919 no Rio de Janeiro já havia, nos jornais que cobriram o triunfo, apontamentos de que a vitória veio pela aplicação de um sistema de jogo muito mais baseado na individualidade e na técnica em contraposição à força do jogo coletivo de nossos rivais¹⁰. Contudo, a originalidade de Freyre reside no fato de apresentar este estilo brasileiro de jogar futebol em termos

⁹ “*Foot-ball* mulato”. Diário de Pernambuco, 17 jun. 1938, p. 4.

¹⁰ De acordo com Franzini (apud MELO & DEL PRIORE, 2009), o papel de relevo da conquista desse Sul-Americano deve ser visto também por trazer os primeiros apontamentos acerca de uma maneira peculiar brasileira de jogar futebol, a partir da análise da imprensa esportiva sobre o feito alcançado diante dos uruguaiois: “Com o título, o futebol, pouco mais de duas décadas depois de lançar suas raízes entre nós, unia o país e proporcionava uma vívida manifestação popular de orgulho patriótico. Na bela expressão de Nicolau Sevchenko, era a “descoberta de uma vocação” ... coisa que a imprensa da época parece confirmar: matéria do jornal *O Estado de S. Paulo* publicada dias depois da conquista, em 1º de junho, por exemplo, afirmava que “os jogadores brasileiros evidenciaram possuir as melhores qualidades que se podem desejar em ‘*footballers*’, qualidades que somente eles, e nenhum outro povo, reúnem todas”. Alguns meses mais tarde, com os ânimos mais serenos, o jornalista Américo R. Netto retomaria essa idéia para anunciar o surgimento de certa “escola brasileira de futebol”, cuja originalidade se basearia no talento individual de nossos atletas” (p. 129).

culturais, “tomando-as como manifestações próprias daquela singularidade maior que distinguiria o *povo brasileiro*” (MARANHÃO, 2004).

No trecho acima citado, Freyre recorre ao terreno da política a fim de mais bem explicitar que o *foot-ball* - a partir da seleção de 1938, finalmente se constituíra, em sua visão, como a “legítima” expressão da sociedade brasileira. Deixávamos de nos preocupar em forjar uma imagem de “República dos arianos” perante os europeus, e expúnhamos “corajosamente” – naquele grupo de jogadores – a mestiçagem que nos seria característica, proporcionando, afinal, aos torcedores do Velho Continente, o deleite do contraste. Nos despíamos dos “pudores” que orientavam a política externa do diplomata Rio Branco e assumíamos o “mulatismo” de nossos gramados, tal qual o fizera Nilo Peçanha na política, alcançando os cargos mais representativos mesmo nos primeiros anos de uma República excludente¹¹. Nas palavras de Freyre, acabava de se definir “de maneira inconfundível” o nosso peculiar estilo de jogar *football*, como se é possível desprender do longo trecho restante do artigo:

Os nossos passes, os nossos pitu's, os nossos despistamentos, os nossos floreios com a bola, o alguma coisa de dança e de capoeiragem que marca o estilo brasileiro de jogar *foot-ball*, que arredonda e adoça o jogo inventado pelos ingleses e por eles e por outros europeus jogado tão angulosamente, tudo isso parece exprimir de modo interessantíssimo para os psicólogos e os sociólogos o mulatismo *flamboyant* e ao mesmo tempo malandro que está hoje em tudo que é afirmação verdadeira do Brasil. Acaba de se definir de maneira inconfundível um estilo brasileiro de *foot-ball*; ... – inimigo do formalismo apolíneo, ... – e dionisíaco a seu jeito – o grande jeitão mulato. Inimigo do formalismo apolíneo e amigo das variações; deliciando-se em manhas moleronas mineiras a que se sucedem surpresas de agilidade. A arte do songa-monga. Uma arte que não

¹¹ Nilo Peçanha iniciou sua carreira política como um dos fundadores do Clube Republicano na cidade de Campos (RJ), sua terra natal. Formado pela Faculdade de Direito de Recife, construiu sua trajetória no poder público como deputado durante o governo provisório do Marechal Hermes da Fonseca, elegendo-se governador e senador pelo estado do Rio de Janeiro, ainda em 1903. Três anos depois, se tornaria vice-presidente da República do governo Afonso Pena e, com a morte deste em 1909, assumiria a presidência até o fim do mandato, encerrado em 1910.

abandona nunca à disciplina do método científico, mas procura reunir ao suficiente de combinação de esforços e de efeitos em massa a liberdade para a variação, para o floreio, para o improviso. Até mesmo a liberdade para a ostentação ou para a exibição de talento individual num jogo de que os europeus têm procurado eliminar quase todo o floreio artístico, quase toda a variação individual, quase toda a espontaneidade pessoal para acentuar a beleza dos efeitos geométricos e a pureza de técnica científica. Sente-se nesse contraste o choque do mulatismo brasileiro com o arianismo europeu. ... O contraste pode ser alongado: o nosso foot-ball mulato, com seus floreios artísticos, cuja eficiência – menos na defesa que no ataque – ficou demonstrada brilhantemente nos encontros deste ano com os poloneses e os tchecoslovacos é uma expressão de nossa formação social democrática como nenhuma. Rebelde a excessos de ordenação interna e externa; a excessos de uniformização de geometrização, de standardização; a totalitarismos que façam desaparecer a variação individual ou espontaneidade pessoal. No *foot-ball* como na política, o mulatismo brasileiro se faz marcar por um gosto de flexão, de surpresa, de floreios que lembra passos de dança e de capoeiragem. Mas, sobretudo de dança. Dança dionisíaca. Dança que permita o improviso, a diversidade, a espontaneidade individual. Dança lírica. Enquanto o foot-ball europeu é uma expressão apolínea ... de método científico e de sport socialista em que a pessoa humana resulta mecanizada e subordinada ao todo – o brasileiro é uma forma de dança, em que a pessoa humana se destaca e brilha.

O mulato brasileiro deseuropeizou o foot-ball dando-lhe curvas, arredondados e graças de dança. Foi precisamente o que sentiu o cronista europeu que chamou aos jogadores brasileiros de “bailarinos da bola”. Nós dançamos com a bola... O estilo mulato, afro-brasileiro, de foot-ball é uma forma de dança dionisíaca¹².

É por isso mesmo que mais do que uma distinção restrita à prática futebolística a oposição entre os estilos apolíneo e dionisíaco evocada por Freyre diz respeito ao confronto entre um perfil cultural “apolíneo” (racional, equilibrado, ordeiro, formal, de supremacia do coletivo sobre o individual) que seria marcadamente europeu e outro “dionisíaco” (espontâneo, individual, improvisado, imprevisível, livremente dançante) próprio ao nosso mulatismo. Para Maranhão (2004) o recurso a tais figuras emblemáticas da mitologia grega aprofunda ainda mais o contraste cultural que se deseja expressar:

¹² “*Foot-ball mulato*”. Diário de Pernambuco, 17 jun. 1938, p. 4.

É interessante notar que segundo a mitologia grega, Apolo é um deus jovem "porque o Sol nunca envelhece", imbérrere. É o deus da luz, deus construtor e colonizador. Representa-se Apolo reinando sobre a Ilha dos Bem-aventurados, paraíso do orfismo (... culto que prega preceitos mais puros de moral e esperança na imortalidade feliz). Já Dinonísio teve uma história menos perfeita, vamos dizer assim. Foi entregue às Ninfas de Nisa (curiosamente alguns a localizam na Etiópia, África) e transformado em bode para que Hera não o reconhecesse. Na mitologia é descrito com vários defeitos: foi louco e responsabilizado, através do Oráculo, pelo fracasso da Trácia, devido à sua cólera. Foi também o introdutor das bacanais, suas procissões eram sempre tumultuosas e seu culto era orgiástico, com presença de flauta, siringe (tipo de flauta de pastores), tambores e címbalos.

O que haveria de “imperfeição” nos traços dionisíacos é justamente o que Freyre observa como virtude de nossa cultura expressa nos “floreios dançantes” de um “futebol mulato, que lembra passos de dança e capoeiragem”; expressão de liberdade porque rebelde a qualquer “excesso de ordenação interna e externa”; amante da arte manifesta no brilho da “espontaneidade individual”, na iminente realização do surpreendente. Futebol “impuro” que tem gosto por se opor à “pureza” arianista em razão de sua índole mulata e mestiça. Futebol como expressão de uma cultura insubordinada a qualquer totalitária imposição de uma “perfeição geométrica, uniforme, racional” que aprisiona nos próprios moldes do que é definido como “perfeito”. Assim delineava-se mais explicitamente uma tradição que se perpetua até os dias de hoje, conforme Maranhão (2004): “A brasilidade do futebol, portanto, não surge gratuitamente, mas da confluência de uma perspectiva intelectual, teórica, com a verificação "empírica" do modo "diferente" pelo qual nossos jogadores corriam atrás da bola”.

Ao procurar evidenciar e classificar os “estilos” de práticas futebolísticas a fim de situar, dentre estes, o que mais bem corresponderia ao estilo brasileiro, Freyre (1955) demonstra que o individualismo que nos seria característico não teria em sua concepção

nada a ver com uma forma anárquica de se jogar, isto é, um descomprometimento em relação não somente ao coletivo bem como em relação à disciplina:

Dizem os sociólogos que os jogos – ou os estilos de jogos – podem ser classificados, de maneira geral como “individualistas” (os dos gregos atenienses, por exemplo), “cooperativistas” (os britânicos ou anglo-saxônicos) e “militarista” (os prussianos, os nazistas, os fascistas). De modo que, se os brasileiros, no seu modo de jogar futebol, tendem a ser antes individualistas que cooperativistas, estão em boa companhia, estão com os gregos.... Com a gente mais civilizada, mais polida, mais estética que jamais existiu. É certo que para efeitos práticos de vitórias nos torneios internacionais de hoje, caracterizada por uma nítida predominância de padrões anglo-saxônicos ... Que significa ser um jogo predominantemente individualista no seu estilo? Pura anarquia? Um inteiro sacrifício do grupo aos caprichos dos indivíduos? De certo que não. Significa constante interação entre o esforço coletivo do grupo e as façanhas, as iniciativas, os próprios improvisos de indivíduos que, assim agindo, destacam-se como heróis, exibem-se, como bailarinos-mestres, acrescentam-se à rotina do jogo, não só em benefício próprio como em benefício do grupo. É o que fazem no futebol os Leônidas que assim procedendo, procedem sob o impacto da herança africana de cultura que tende a fazer dos jogos, danças e até bailados; mas sem deixarem de agir dentro de uma tradição desportiva marcada em suas origens pelo paradigma grego-ateniense. Aquele que o indivíduo não se dissolve de todo no grupo, mas conserva certas e essenciais liberdades de expressão heróica e de exibição dramática. Sendo assim, não temos os brasileiros de que se envergonhar, quando se diz do nosso estilo de jogar futebol que dá demasiada expressão às façanhas dos heróis ou bailarinos individuais. Do que precisamos é de conciliar esse individualismo com a disciplina, sem a qual o esforço de um grupo se degrada, afinal, em histeria anárquica.

Muito embora nesse trecho a teoria freyreana acerca do futebol brasileiro preserve e reafirme o valor de nossa herança cultural africana, ou seja, do mulatismo e da mestiçagem (positividade da integração racial), acrescenta-se um aspecto fundamental neste estilo de jogar bola que é o da dança, dos floreios e bailados, porém, sem a ruptura total com uma tradição desportiva que corresponderia em sua lógica individualista ao paradigma grego-ateniense. Portanto, os floreios dançantes típicos do nosso *football mulato* não se constituiriam como expressão anárquica, mas como medida de uma liberdade - dentro dos

padrões civilizados – de “expressão heróica e de exibição dramática” que não se apresenta como oposição ao coletivo e sim como benefício ao grupo. Daí o autor chamar a atenção para a necessidade em nosso futebol de aliarmos tal liberdade essencial – que permite ao indivíduo o protagonismo heróico em prol do grupo – com a disciplina que deve reger a coletividade de modo que os esforços não descambem para a “histeria anárquica”.

Mesmo o futebol “abrasileirado”, de acordo com o sociólogo pernambucano, assumiria a função de um autocontrole social e do polimento das condutas advindas de nossa herança cultural, logo, a dança, a capoeiragem, o samba, o cangaço encontrariam no futebol o espaço socialmente aceito para sua expressão. Não se trata de uma expressão pura destes componentes culturais, mas uma expressão moral e socialmente aprovada, o que passa pelo refinamento destas condutas culturais adequando-as a uma tradição esportiva mais civilizada como a que constitui o paradigma grego-ateniense da qual o futebol brasileiro se assemelharia e se aproximaria. De acordo com o autor de *Casa-Grande & Senzala*:

O futebol teria numa sociedade como a brasileira, em grande parte formada de elementos primitivos em sua cultura, uma importância toda especial que só agora vai sendo estudada sob critério sociológico ou parapsicológico. E era natural que tomasse aqui o caráter particularmente brasileiro que tomou. Pois tornou-se o meio de expressão, moral e socialmente aprovado pela nossa gente – pelo Governo, pela Igreja, pela Opinião Pública, pelo Belo Sexo, pela Imprensa – de energias psíquicas e de impulsos irracionais que sem o desenvolvimento do futebol – ou de algum equivalente de futebol – nas verdadeira instituição nacional que é hoje, entre nós, teriam provavelmente assumido formas de expressão violentamente contrárias à moralidade dominante em nosso meio. O cangaceirismo teria provavelmente evoluída para um gangsterismo urbano, com São Paulo degradada numa sub-Chicago de Al Capones Ítalo-Brasileiros. A capoeiragem, livre de Sampaio Ferraz, teria provavelmente voltado a enfrentar a polícia das cidades sob forma de conflitos mais sérios que os antigos entre valentes dos morros e guardas-civis das avenidas, agora asfaltadas. O samba teria se conservado tão

particularmente primitivo, africano, irracional que suas modernas estilizações seriam desconhecidas, com prejuízo para a nossa cultura e para o seu vigor híbrido. A malandragem também teria se conservado inteiramente um mal ou uma inconveniência (FREYRE apud RODRIGUES FILHO, 2003, p. 24-25).

Entretanto, é através do pensamento freyreano que emerge no Brasil um novo referencial sociológico pautado na perspectiva de formação e caracterização da brasilidade, e que teria no esporte mais popular do país – a partir de figuras de destaque como Domingos e Leônidas no contexto dos anos 1930 e 1940 – a sua reafirmação, em termos de construção de uma identidade nacional sedimentada na miscigenação. A proximidade entre Mario Filho e Gilberto Freyre pode ser verificada no próprio incentivo dado pelo sociólogo pernambucano para que o jornalista se empenhasse na escrita de uma obra fôlego a despeito da história do futebol brasileiro, se comprometendo a prefaciá-la, como o fez. Fato lembrado por Freyre (2000), décadas depois da publicação da 1ª edição do clássico *O Negro do Foot-ball Brasileiro*, em entrevista concedida ao então editor de esportes do Jornal do Comércio, Lenivaldo Aragão, no ano de 1983:

É, eu quis muito que ele [Mario Filho] escrevesse essa história. Eu lhe disse, eu escrevo o prefácio – como realmente escrevi -, vai ser um livro, eu estou certo disso, um livro-bomba mesmo. Mas precisava ser bem escrito, literariamente bem escrito, com fatos que não fossem contestados, porque na história de qualquer esporte há sempre dúvida sobre quem foi o maior nesse ou naquele jogo. Tem que ser apurada e não movida pelo entusiasmo de qualquer um por um herói. É um livro que deve fazer parte de uma grande história do futebol brasileiro¹³.

Por outro lado, essa não era a única visão acerca da vitoriosa campanha brasileira naquele mundial. Outra figura importante nas páginas esportivas daquele contexto, o jornalista e cronista esportivo Thomaz Mazzoni (1950) – cujo legado nos apresenta outro

¹³ Disponível em <http://www2.uol.com.br/JC/_2000/1004/es1004x.htm> Acesso em: 03 ago. 2010.

clássico trabalho sobre a trajetória de nascimento e afirmação do futebol no país, *História do Futebol no Brasil (1894-1950)* – tratava de apresentar ao leitor da seção esportiva do jornal A Gazeta (SP) as “legítimas” raízes do futebol brasileiro, em sua mais sublime feição: a paulistanidade:

A tradição vai ser mantida. É uma tradição que persiste, orgulhosamente para o futebol de São Paulo e para a glória do brasileiro. Dos 24 “azes” que irão à França defender o Brasil na “Taça do Mundo”, 12 são autênticos campeões e ídolos paulistas! Não importa, não quer dizer nada se a maior parte desses jogadores hoje estão ligados por contratos a clubes do Rio. O fato é que São Paulo foi e continua sendo o principal celeiro de “azes”, o maior centro técnico do futebol nacional. Cinquenta por cento, pois, da seleção brasileira é paulista. No longínquo 1914, quando pela primeira vez se organizou um quadro Rio - São Paulo para lidar com os professores ingleses do “*Exeter City*”, partiram da Paulicéia os bandeirantes daquela primeira grande conquista esportiva do Brasil: Rubens, Lagreca, Formiga e Friedenreich foram os artífices da heróica vitória sobre os britânicos! Estes não podiam julgar que aqui encontrariam um futebolista genial como Friedenreich! O passo inicial estava dado na iniciativa de se congregarem os melhores “azes” nacionais em defesa das cores verde-amarelas. ...

E em 1919, no primeiro título sul-americano que o Brasil conquistou, no ano que muito bem pode figurar na história do Brasil, sem nenhum exagero, como o ano de “*El Tigre*”, já não foram 4 nem 5 os ídolos do “association” de São Paulo que defenderam as cores pátrias, foram 8! Atingiu o apogeu então o futebol brasileiro da primeira geração.

Blanco, Sergio, Amílcar, Milton, Heitor, Friedenreich, Neco e Arnaldo constituíram a base de ferro da seleção!

Já estava, pois, fixada a tradição¹⁴.

Após registrar a contribuição paulista no primeiro jogo disputado por um selecionado brasileiro, contra a equipe inglesa do *Exeter City*¹⁵, bem como na conquista do sul-americano de 1919¹⁶, Mazzoni analisa a equipe de 1938 e dá continuidade aos seus

¹⁴ A Gazeta, 27 abr. 1938, p. 8.

¹⁵ Este primeiro jogo disputado pelo selecionado brasileiro ocorreu no ano de fundação da Federação Brasileira de Sports, em 1914. A partida contra o *Exeter City* fora disputada no dia 27 de julho, no campo do Fluminense, e terminaria com o triunfo brasileiro pelo placar de 2 a 0.

¹⁶ No que diz respeito à repercussão do triunfo brasileiro na final do Sul-Americano do Rio de Janeiro em 1919, contra os uruguaios, com gol de Fried, o choro *Um a Zero*, composto por Pixinguinha e Benedito

comentários de certa nostalgia acerca do papel do futebol paulista para o prestígio do futebol pátrio. Dentre as conquistas listadas propositalmente não se encontra a Copa Rio Branco de 1932, onde a seleção foi formada, essencialmente, por jogadores que atuavam no Rio de Janeiro, daí também o paralelo insistentemente traçado nas páginas do *Jornal dos Sports* com essa conquista e a seleção de 1938. A rivalidade entre cariocas e paulistas se manifestava também no terreno da tradição, cada qual construindo uma narrativa que corroborasse o papel de relevo de um dos lados em disputa para a coroação do futebol brasileiro:

... Na situação atual, é sabido, perdemos cada vez mais os nossos campeões, mas o que importa termos em conta é que esses elementos são legítimos produtos da escola daqui, paulista é o seu temperamento esportivo, paulista é a sua técnica, estilo, disciplina e a sua classe. E, como vemos, o tempo passa, mas primamos sempre em quantidade e qualidade. A tradição ao invés de enfraquecer fixa-se cada vez mais¹⁷.

O que nos interessa ressaltar é que a rivalidade nutrida nas páginas da seção esportiva d'A Gazeta e do *Jornal dos Sports* por esses cronistas, não os impediu de convergir, em seus discursos, na valorização de elementos disciplinadores e civilizadores – dirigidos principalmente aos jogadores e a torcida –, de um esporte que, mesmo popularizado, não deveria ser esvaziado de seus atributos de fidalguia.

Lacerda, originalmente sem letra e posteriormente letrada por Nelson Ângelo é representativo daquele momento de consagração do futebol brasileiro e de *El Tigre*:

Um a Zero

...

Mas, numa jogada genial,
Aproveitando o lateral
Um cruzamento que veio de trás
Foi quando alguém chegou
Meteu a bola na gaveta
E comemorou

(Pixinguinha, Benedito Lacerda e Nelson Ângelo apud GONÇALVES JUNIOR, 2008, p. 51).

¹⁷ A Gazeta, 27 abr. 1938, p. 8.

Para o caso do jornal dirigido por Mario Filho, tal fato pode ser percebido no próprio título daquele que era o principal periódico esportivo da capital da República – o Jornal dos *Sports* – onde a grafia em inglês (que também se fazia presente no nome da maioria das seções deste jornal) remete ainda aos primeiros anos de desenvolvimento do futebol entre as elites das grandes capitais. Um caráter fidalgo que era constantemente evocado através de matérias que sustentavam os mitos fundadores do futebol em nossas terras, em torno das figuras aristocráticas de Charles Miller, em São Paulo, e Oscar Cox, no Rio de Janeiro¹⁸, ou mesmo na valorização de aspectos da partida que remetem a evocação das virtuosas características que, na ótica destes jornalistas, deveriam ser perpetuadas, tais como: o cavalheirismo, a civilidade, o *fair play*, dentre outras, como bem o ressalta Franzini (apud MELO & DEL PRIORE, 2009) a despeito da difusão do *football* entre as elites da capital federal:

O uniforme, o equipamento e o vocabulário específicos do jogo, todos importados da Inglaterra, das chuteiras ao grito de *goal*, eram, antes de tudo, marcas de distinção social, expressões do elitismo de seus cavalheirescos praticantes. Pouco importava que em sua própria pátria o *association* não mais tivesse, já havia muito tempo, tais traços aristocráticos: aqui, os *matches*, como se dizia então, assumiam cada vez mais a forma de uma celebração da alta sociedade carioca (p. 118).

Ainda que em fins da década de 1930 o futebol não mais pudesse ser caracterizado pelos mesmos atributos que o orientavam em seus primeiros anos de amadorismo nas capitais carioca e paulista, o discurso civilizador ainda permeava esse universo de

¹⁸ Tais mitos acabariam por sustentar o caráter elitista e excludente do futebol nos primeiros anos de sua prática no país muito embora o esporte bretão tenha se iniciado a partir de uma ampla gama de espaços e agentes, tais como: marinheiros, técnicos de ferrovias, operários de minas, professores dos estabelecimentos educacionais das colônias inglesas, jovens bacharéis que (como os casos de Charles Miller e Oscar Cox) retornavam ao país depois de estudarem em colégios e universidades europeias, missionários europeus etc. (PEREIRA, 2000, p. 21-42).

incipiente profissionalismo. Tal fato deve-se, fundamentalmente, à própria funcionalidade do esporte moderno enquanto uma das manifestações dos processos civilizatórios, como proposto por Norbert Elias (1994b). Processos que trariam por indicadores do desenvolvimento civilizatório, nas diferentes sociedades, um grau de maior ou menor elevação na combinação do controle social e do autocontrole dos indivíduos.

De acordo com essa teoria eliasiana a qual recorreremos por considerarmos de fundamental importância para a reflexão acerca da função social dos esportes, o aumento contínuo do autocontrole dos indivíduos a despeito de seus impulsos ocorreria simultaneamente ao controle social exercido por terceiros, residindo nessa relação entre indivíduo e sociedade, controle social e autocontrole, os elementos fundamentais para o entendimento dos processos civilizatórios.

Apesar de admitir o controle da violência como uma das características fundamentais a diferenciar o esporte moderno dos jogos que o antecederam, Elias também chama a atenção acerca da ruptura constante que ocorreria na dinâmica dos jogos esportivos, não só quanto às regras, mas, principalmente, quanto aos padrões de civilidade, pelos agentes envolvidos em sua constituição, quer sejam jogadores, dirigentes ou mesmo torcedores, como ressalta André Botelho (2005, p. 8):

O esporte moderno, afirma o sociólogo Norbert Elias, é uma expressão de uma teoria maior por ele denominado de processo civilizador, como uma forma de violência pacificada. Configurado pela dinâmica de uma partida de futebol, que se equilibra entre a alegoria e a realidade da disputa entre os grupos uniformizados. Esta disputa traz em si a emergência de “identidade” coletiva de aficionados, com suas bandeiras e camisas, ou dentro dos clubes no embate entre os times. Em geral, a afirmação destas identidades se dá mediante a diferenciação, o preconceito e o conflito. Todos controlados por uma espécie de “parlamentarização” da prática do jogo, que se homogeneiza através de suas regras. A necessidade de regras claras não significa o controle total da prática. A transgressão é uma constante nas partidas, não só das regras do jogo, mas, sobretudo, dos

padrões de civilidade por praticantes e espectadores. Rapidamente as barreiras que dividem o fair play das agressões morais e físicas são rompidas.

Tal reconhecimento da proposta de ordem e civilidade que é a tônica do esporte moderno e do futebol *association* desde seus primeiros passos na Inglaterra, bem como de seu início aristocrático no Brasil, não significa que esta expressão do processo civilizador (que possui suas especificidades de acordo com o contexto sócio-histórico onde se desenvolve) tenha exercido um controle absoluto da violência, pois mesmo tais padrões de civilidade relacionados ao futebol não impedem a coexistência com uma dinâmica conflitiva e de rupturas no seio deste esporte. Ou seja, tais padrões não necessariamente foram sempre seguidos à risca, não somente a despeito das dezessete regras do *association*, mas aos valores comportamentais que constantemente são apregoados e defendidos como indispensáveis aos seus praticantes e espectadores. Como observa Franzini (apud MELO & DEL PRIORE, 2009), o processo de popularização do *football*, a recriação e ressignificação do esporte pelas camadas menos abastadas das principais capitais brasileiras configuram um movimento “incômodo” que escapou à tentativa de controle absoluto das elites:

Não é difícil de imaginar que essa expansão desordenada do futebol para além das fronteiras geográficas e sociais que separavam a elite do povo nas duas principais cidades brasileiras devia incomodar bastante aqueles que se julgavam os donos da bola. Afinal, subúrbios, várzeas e até mesmo fábricas, onde se tornava cada vez mais comum a organização de equipes entre os operários, não eram espaços dotados da elegância e do refinamento que o esporte bretão supostamente exigia, ao menos a seus olhos. Numa sociedade ainda muito marcada pelo senso de hierarquia e pelo ranço escravocrata, a entrada em campo de pobres, negros e trabalhadores braçais significava a vulgarização, em seu sentido pejorativo, dos nobres ideais que o esporte trazia em si e que deveriam ser preservados... (p. 121-122).

Logo, esta vertente do processo civilizatório – que até o século XXI perpetua princípios orientadores a reger o futebol profissional nos mais diversos cantos do planeta – apresenta ao longo de seu desenvolvimento a convivência com rupturas, descontinuidades que nunca foram negadas por Elias e bem podem ser observadas nas especificidades que marcaram a tentativa de construção de uma imagem civilizada da nação a partir do futebol na Copa do Mundo de 1938, como evoca o cronista do *Jornal dos Sports*:

... Por outro lado a representação do Brasil no Campeonato do Mundo deixou de ser apenas uma questão esportiva, transformando-se em uma questão nacional. Daí o movimento maravilhoso de incentivo, de solidariedade, que raiou no sacrifício. Os clubs cedem os melhores “cracks”, nada exigindo em troca; a indústria, o comércio, o povo, o governo, todos se unem para que o scratch brasileiro esteja apto a desempenhar uma missão esportiva no sentido de lealdade e de cavalheirismo.¹⁹.

Ao ressaltar o cavalheirismo e a lealdade como os valores que traduziam, em sua forma mais perfeita, o real sentido daquela “missão”, o cronista apresenta os parâmetros pelos quais a imprensa esportiva mediria, ao menos *a priori*, o sucesso ou o fracasso naquele mundial. A “boa representação” não seria avaliada somente pelo resultado e sim pela demonstração, por parte dos jogadores brasileiros, das qualidades mais nobres de um esportista civilizado, como a imagem civilizada e disciplinada da “nação” que dirigentes, políticos do regime e a própria imprensa especializada desejavam mostrar em gramados franceses.

Muito embora divergindo quanto a que cidade corresponderia o papel de protagonismo no panteão das conquistas nacionais, os discursos dos mencionados cronistas convergiam na defesa incontestada da disciplina. Antes mesmo do início da preparação já era

¹⁹ *Jornal dos Sports*, 17 mai. 1938, p. 2.

este o princípio que dava o tom no discurso não só da imprensa esportiva como dos principais dirigentes. Após o término de uma das primeiras reuniões que tratavam de questões relacionadas à organização do esporte nacional, o presidente da CBD²⁰, Luiz Aranha, procurava deixar bem claro para a opinião pública o princípio que orientaria a campanha brasileira na Copa do Mundo da França: “Disciplina acima de tudo! A requisição dos jogadores obedecerá a uma orientação inicial: não serão convocados os *players* que fossem julgados indisciplinados. Para isso serão consultados os antecedentes dos jogadores nos clubs e entidades”²¹.

Entretanto, este não era um discurso exclusivo da cúpula esportiva do país, e sim uma orientação que atendia ao clamor de parte importante da imprensa esportiva do Rio de Janeiro e São Paulo, que reclamava uma postura diferenciada não somente por parte dos jogadores, mas, fundamentalmente, dos dirigentes que seriam os responsáveis por incutir

²⁰A CBD fora oficialmente fundada em dezembro de 1916, como intuito de unificar os esforços de representantes de oito estados brasileiros a despeito da organização do futebol no país. De acordo com Leonardo Pereira (2000, p. 145), a nova entidade, sediada no Rio de Janeiro, representava os esforços de pacificação capitaneados pelo então Ministro das Relações Exteriores Lauro Muller, juntando as partes litigiosas da Federação Brasileira de Sports (fundada em novembro de 1915, no Rio de Janeiro) e da Federação Brasileira de Football (fundada no mês de setembro também de 1915, em São Paulo).

²¹ Jornal dos *Sports*, 8 mar. 1938, p. 4. O homem forte da Confederação Brasileira de Desportos (CBD) neste momento, Luiz Aranha – irmão do então Ministro das Relações Exteriores Oswaldo Aranha, ambos revolucionários de 1930 –, possuía uma relação direta com o chefe da nação, o que contribuiu ainda mais para o envolvimento do governo federal e do próprio Vargas com a seleção nacional, algo que ficaria já acertado em reunião no Palácio Rio Negro, em Petrópolis (RJ): “O chefe do governo reiterou ao paredro cebedense o decisivo apoio do governo federal, assegurando que estava empenhado em prestigiar a CBD, que na Europa prestaria relevantes serviços à propaganda de nossa terra” (Jornal dos *Sports*, 20 mar. 1938, p. 6). Tal apoio viria em forma de subsídios à campanha, com o governo se comprometendo a arcar com o valor das passagens à França para trinta membros da delegação, sem dúvida um bom investimento considerando-se a oportunidade conferida pela Copa do Mundo para a construção de uma boa imagem do Brasil no cenário internacional. Além do presidente, sua filha Alzira Vargas foi convidada para ser a “Madrinha do Selecionado Brasileiro”, numa iniciativa oficializada pelo então presidente da Federação Brasileira de Futebol (FBF), Castello Branco. Em resposta ao convite, a também chefe do gabinete presidencial se mostrava satisfeita em aceitar o posto, estreitando ainda mais a proximidade do regime com o selecionado: “Recebi com satisfação e alegria o gentil convite do selecionado brasileiro e desejo como madrinha e como patriota que a felicidade e o sucesso os acompanhe na jornada” (Jornal dos *Sports*, 14 abr. 1938, p. 1).

nos *players* uma nova mentalidade acerca de suas responsabilidades como representantes da nação:

... Precisamos antes de tudo convencer os dirigentes e os jogadores que sem uma rigorosa disciplina, sem aquela compenetração de deveres e espírito de sacrifício, dificilmente poderemos nos sair bem de uma empresa como é a “Taça do Mundo” ... A nossa boa participação não depende apenas de indicar a “*trouxe mouche*” um punhado de jogadores de renome e confiá-los ao seu destino, mandá-los a uma aventura apenas. Muito mais do que isso é necessário empreender²².

Nas linhas desta coluna de Thomaz Mazzoni (que a assinava sob o pseudônimo de *Olimpicus*) advertia-se acerca da seriedade que deveria revestir aquela campanha, de modo a se evitar que todo o investimento empregado fosse desperdiçado por um péssimo papel realizado no estrangeiro pelos jogadores convocados. Tais elementos precisavam saber que não estavam indo à França a passeio, pois uma empresa de tamanho vulto como já era considerada a Copa do Mundo não poderia ser tomada como uma simples e descompromissada aventura.

Tais princípios acima advogados também iam ao encontro da política autoritária que caracterizava o governo Vargas e eram constantemente reafirmados pelo chefe da nação em seus discursos. Foi o caso, por exemplo, deste pronunciamento por ocasião dos festejos da Independência em 07 de setembro de 1936, onde Getúlio (VARGAS apud CORRÊA, 2009: p. 52) faz alusão à agitação política vivida no país por conta dos conflitos contra os opositores do regime, que ameaçariam o desenvolvimento ordeiro da nação: “... o Brasil é um país de ordem. Ordem e democracia que significam disciplina e liberdade, obediência consciente e acatamento ao direito. Repeliremos os surtos demagógicos, como não toleraríamos a tirania”.

²² A Gazeta, 1 fev. 1938, p. 11.

Percebe-se em suas palavras a associação dos princípios de ordem, disciplina e obediência com os ideais de democracia e liberdade que na prática estiveram longe de caracterizar seu primeiro governo. Todavia, em oportunidades como esta, Vargas dava o tom do discurso que deveria imperar nos diferentes setores da sociedade.

Numa perspectiva de disciplinarização e controle sobre os “representantes da pátria” nos estádios franceses, a convocação além de critérios técnicos deveria ser norteada pelo padrão disciplinar exigido aos jogadores. No entanto, esse pressuposto parecia valer, inicialmente, para aqueles jogadores considerados dispensáveis, não para craques como Domingos e Leônidas. Tanto o era que poucos dias após a divulgação da lista de jogadores que iniciaria o período de treinamento do selecionado, os destaques do Flamengo, ao lado do *half* Fausto²³ e outros jogadores, se envolviam numa enorme confusão durante a excursão de seu clube à Bahia para a disputa de alguns amistosos:

A notícia chegada da Bahia não nos surpreende. Vários jogadores do Flamengo entre eles Domingos, Fausto e Leônidas, como bons ídolos futebolísticos da maravilhosa Guanabara, após o jogo de estréia do Flamengo na Bahia, deixaram o hotel e foram gozar sua popularidade na cidade, indo, depois para o ‘cabaret’. Durante a alegre noite os rapazes acabaram por se insultar e por se agredir mutuamente. Bonita cena! Domingos surrou os seus grandes amigos Fausto e Leônidas, interveio a polícia que foi desrespeitada e todos foram para a delegacia, sendo que Domingos foi recolhido ao xadrez! Fausto estava com trajes menores!!! Exemplar amostra de disciplina! ... Domingos, Fausto e Leônidas são nomes apontados para a seleção nacional que irá à ‘Taça do Mundo’! Com esse espírito disciplinar de ‘cabaret’, com essa mentalidade de ‘touriste’, com essa excelente demonstração de ‘camaradagem’, imaginem o que os Fausto, Domingos, Leônidas não irão fazer em Paris! ...²⁴

²³ Fausto era um dos jogadores de maior renome do rubro-negro carioca e do futebol brasileiro, que havia se destacado na Copa de 1930, disputada no Uruguai, sendo apelidado de “A Maravilha Negra” (PEREIRA, 2000, p. 313).

²⁴ A Gazeta, 23 mar. 1938, p. 11.

No entanto, este fora só o primeiro de outros episódios que polemizariam a campanha brasileira na Copa de 1938 colocando em atrito os nobres e elevados ideais que mobilizavam dirigentes, imprensa esportiva e Estado Novo, e a compreensão por parte dos jogadores e torcedores do sentido daquele empreendimento.

Sob o título “Normas rígidas de condutas para os cracks”, o Jornal dos *Sports* destacava as regras do Regulamento Interno da delegação e o “compromisso de honra” a ser assinado por cada jogador convocado, ambos divulgados pelo próprio presidente da FBF e chefe da delegação, Castello Branco. O regulamento era compreendido por normas que tratavam desde o respeito aos horários estabelecidos para dormir, acordar e para as refeições, até questões relacionadas à total submissão dos atletas às determinações dos dirigentes e do treinador da equipe. Nele ficava claro que não seriam toleradas quaisquer manifestações de insatisfação e contrariedade por parte dos jogadores em relação à organização e escalação do selecionado. Também havia recomendações para que fossem evitadas discussões entre os atletas dentro e fora de campo, para que se construísse um ambiente ordeiro e harmônico na concentração, proibindo-se também as bebidas alcoólicas e os jogos de cartas, que se constituíam como um dos passatempos mais apreciados pelos jogadores.

Esta espécie de cartilha imposta aos *players* trazia como medida punitiva em caso de descumprimento das regras, a aplicação de multas cujo valor corresponderia à gravidade do ocorrido. Se a falha fosse considerada excessiva, admitia-se até mesmo o desligamento imediato do jogador junto à delegação e, caso esta já estivesse em terras francesas para a disputa do campeonato mundial, o jogador poderia ter seu regresso ao Brasil imediatamente

requisitado junto à Embaixada brasileira na França. As obrigações apresentadas foram as seguintes:

- a) – acordar e deitar à hora determinada no boletim diário;
- b) – respeitar o horário de alimentação;
- c) – não se ausentar do ponto de concentração sem a devida permissão por escrito da chefia;
- d) – evitar discussões que possam trazer desarmonia aos membros da delegação;
- e) – não fazer convites a pessoas estranhas para visitarem a delegação, salvo com autorização da chefia;
- f) – aceitar a censura da chefia à correspondência que lhe seja enviada;
- g) – abolir as bebidas alcoólicas e os jogos de cartas;
- h) – não havendo jogadores reservas na delegação, respeitar as resoluções e acatar as determinações do treinador, não podendo manifestar-se contra a organização do selecionado;

Nota – O não cumprimento de qualquer artigo deste regulamento importa na aplicação de multas que variam de 50\$ a 500\$000.

O não cumprimento do voto de honra e as demais falhas consideradas de natureza grave serão punidos com o imediato regresso do jogador que será entregue à Embaixada Brasileira no Estrangeiro para dar-lhe o destino que merecer.

Os jogadores também antes de embarcar farão um compromisso de honra que é o seguinte:

Compromisso de honra que nesta data assumo perante a CBD e a FBF como elemento do selecionado brasileiro de futebol concorrente ao campeonato mundial na França – escolhido para integrar a equipe representativa do Brasil na disputa da Copa do Mundo, hipoteco a minha palavra de honra, como esportista e como brasileiro, que tudo farei para elevar com dignidade o nome da Pátria, observando rigorosamente os preceitos indicados pela chefia da delegação e que são os seguintes:

- a) – concordar com as determinações da CBD relativamente aos ordenado, ajudas de custo, gratificações nos jogos e diárias;
- b) – acatar e cumprir rigorosamente todas as determinações emanadas do capitão do selecionado quando em jogo, do treinador em treinamento, dos dirigentes da delegação em todas as demais coisas;
- c) – colaborar intensamente na harmonia dos membros da delegação e, principalmente, do selecionado;
- d) – respeitar o contrato com o clube a que pertencço não admitindo enquanto permaneço na delegação quaisquer propostas que visem a sua rescisão;
- e) - acatar e cumprir rigorosamente o regulamento elaborado pela Chefia da Delegação²⁵.

²⁵ *Jornal dos Sports*, 6 abr. 1938p. 1 e 4.

Expressões extraídas do contrato a ser assinado pelos jogadores, tais como “minha palavra de honra”; “como homem”; “como brasileiro”; “elevar com dignidade o nome da Pátria”; “acatar e cumprir rigorosamente todas as determinações”; revelam o caráter disciplinador que se pretendia impor através da evocação de valores morais e cívicos fundados em noções de honra, respeito e, principalmente, a partir da defesa do ideal patriótico que se pretendia construir pelo discurso oficial. Para o jornalista Thomaz Mazzoni, tal cartilha representava “Os Dez Mandamentos do jogador do selecionado brasileiro”²⁶, cujas demandas pela obediência seriam proporcionais à grandeza da missão que lhes esperava na Europa. O Brasil deveria estar em primeiro plano, mas não um Brasil que se apresentasse “de qualquer jeito” e sim o país ordeiro, harmônico e civilizado que seria representado pelos jogadores na Copa do Mundo, pelo menos assim pretendiam os dirigentes da delegação²⁷.

Mesmo debaixo de tais exigências e acuados pelo intenso direcionamento da campanha na imprensa esportiva, os jogadores não acataram passivamente as ordens vindas de cima. Para o caso acima mencionado, ao tomar ciência das normas de conduta que orientariam a concentração dos jogadores desde o período de treinamentos na Estação de Águas da cidade mineira de Caxambu, os *players* encaminharam um documento a Castello Branco com algumas “sugestões” tendo em vista a sua participação na Copa do Mundo. A

²⁶ A Gazeta, 7 abr. 1938, p. 8.

²⁷ Dentre os jogadores que sofreram medidas punitivas a partir do descumprimento do regulamento estavam o meia-esquerda do Fluminense Tim, o extrema-esquerda do Botafogo Patesko e o goleiro do Flamengo Walter, ambos multados no valor de 200\$000 (duzentos mil réis) por diferentes atos considerados indisciplinados. Os dois primeiros foram advertidos por não respeitarem o “toque de recolher” imposto aos jogadores em Estrasburgo, sendo encontrados depois das 21h num bar próximo ao hotel Neiderbrom-les-bains, onde a seleção esteve hospedada. Já o arqueiro do rubro-negro carioca foi punido pela pouca disposição que vinha demonstrando nos treinamentos, sendo acusado por Pimenta de mostrar “absoluto desinteresse” nos exercícios coletivos. *Jornal dos Sports*, 4 jun. 1938, p. 1 e 4.

divulgação do conteúdo fora feita pelo enviado especial dos Diários Associados e publicado no Diário de Pernambuco:

É o seguinte o teor do referido documento:

“Ilmo. sr. presidente da Federação Brasileira de Foot-ball:

Sejam as nossas primeiras palavras de sincero agradecimento pela visita honrosa que v. excia. dignou fazer-nos na concentração de Caxambu, trazendo, conforto moral, tão necessário para a árdua missão que vindes de nos confiar, qual o de arcar com a honrosa tarefa de levar bem alto, no maior certamen footballístico do mundo, o soccer brasileiro.

Tão significativa missão, no entanto, para ser desempenhado sem desdouro para todos nós jogadores do Brasil, exige que a possamos cumprir com dignidade e sobrançeria.

Por isso, vimos até v. excia. sem que esse gesto represente de nossa parte qualquer exigência, expor e pedir o seguinte:

- a) – a maioria dos jogadores requisitados é arrimo de família e como tal, partindo para a França, não ficará isento da obrigação de manter os seus aqui;
- b) – A vida em qualquer parte da Europa é caríssima, levando em consideração a desvalorização dos nossos mil réis, o que tornará difícil uma apresentação condigna de cada um dos signatários nos lugares por onde passar se não forem atendidos no pedido que ora vos fazem.e que se concretiza ao seguinte:

1º - Diárias de 25\$000 réis desde o dia do embarque até o do regresso;

2º - Ajuda de custo de 1:500\$000;

3º - Ordenado mensal de 1:500\$000;

4º - Gratificações de 500\$ por jogo ganho, 250\$ por jogo empatado;

5º - Abolir a cláusula “f” do regulamento interno.

Aguardando nesta concentração a resposta de v. excia. certos de serem atendidos, subscrevem-se atenciosamente (seguem-se as assinaturas)”²⁸.

Recorrendo aos mesmos princípios tão defendidos pelos dirigentes da FBF e da CBD os jogadores do selecionado realizam então uma ressignificação do discurso dominante a fim de adequá-lo aos seus propósitos e àquilo que entendiam como direito. Afinal, “tão significativa missão” que deveria ser cumprida por eles “com dignidade e sobrançeria”, mereceria um maior aporte financeiro vislumbrado a partir do reajuste do valor dos ordenados, diárias, ajudas de custo e gratificações. Além disso, chama a atenção o “pedido” para que a cláusula “f” do regulamento interno fosse abolida, justamente porque

²⁸ Diário de Pernambuco, 17 abr. 1938, p. 8, grifo nosso.

impedia qualquer tipo de questionamento por parte dos atletas acerca das ordens e censura da chefia da delegação. Por mais que se desejasse pintar um quadro harmônico e coeso da delegação nacional, episódios como este nos ajudam a verificar as rugas presentes na superfície daquele empreendimento.

Ao receber o abaixo-assinado Castello Branco chamou os players Martim e Nariz enquanto representantes dos jogadores e após uma reunião de cerca de três horas devolveu o documento alegando que a questão deveria ser tratada diretamente com o presidente da CBD, demonstrando sua insatisfação por não julgar justa a reivindicação dos jogadores. Entretanto, preocupados com a repercussão negativa que o caso ganhava nos jornais, os jogadores trataram de emitir um telegrama ao presidente da CBD, esclarecendo sua posição e acatando os valores previamente estabelecidos pela entidade:

Sr. presidente da CBD:

Os jogadores brasileiros concentrados em Caxambu protestam revoltados contra a infâmia que se lhes foi assacada por indivíduos irresponsáveis qual a de fazer exigências para a disputa do campeonato mundial. A verdade é bem outra: fez-se apenas um pedido ao presidente da Federação Brasileira de Football. Entre pedir e exigir vai uma longa distância. Asseguramo-vos que, mesmo não sendo atendidos, nenhum de nós se furtará a honra de servir à Confederação Brasileira de Desportos do Brasil²⁹.

O documento fora assinado por 23 jogadores, e mais uma vez assumia uma função crítica em relação a figuras da imprensa especializada – encarregados da cobertura da seleção – e que estariam “distorcendo os fatos”, tratando o episódio como um ato de “rebeldia” dos jogadores. A disciplina importava tanto que, na mesma edição do *Jornal dos Sports*, na coluna “Críticas e Sugestões”, a polêmica era instigada através da reafirmação da conotação negativa do ocorrido para a preparação do selecionado:

²⁹ *Jornal dos Sports*, 17 abr. 1938, p. 8.

Trata-se, não resta dúvida, de uma exigência e de uma exigência descabida. Já se acentuou que os jogadores não podem, por força dos contratos que os prendiam aos clubes, estabelecer condições. Acontece que o crack, afastado temporariamente do clube, adquire uma sensação de liberdade, perigosa para a disciplina ... Se alguém se detém, serenamente, no exame dos fatos, há de verificar que houve uma inversão de papéis. É natural que o jogador sem cultura, com rudimentar educação esportiva no alto sentido, se julgue no direito de exigir ordenados e gratificações maiores do que os estabelecidos ... A disciplina obriga a obediência. É preciso, porém, salientar que qualquer exigência fora estabelecido no contrato do jogador com o clube, constitui um ato de indisciplina. Verifica-se que os elementos concentrados em Caxambu ainda não compreenderam, em toda sua significação profunda, a missão que vão cumprir no campeonato do mundo³⁰.

Esta declaração é muito representativa da imagem que se construíra do jogador à época, não sendo visto como um trabalhador qualquer, mesmo diante da já mencionada profissionalização do futebol no Rio e em São Paulo a partir de 1933. Se gozava do *status* de *crack* - como era o caso de muitos daqueles que compunham o selecionado não somente diante da imprensa e sim perante os torcedores -, para as autoridades esportivas e cronistas como Mazzoni e Mario Filho, naquele contexto, também precisavam de controle e educação moral.

Todavia, em contraposição ao ambiente de tensão e discórdia apresentado nas páginas do diário carioca sobre o período de concentração em Caxambu, nas páginas d'A Gazeta, narrava-se a estadia dos jogadores na cidade mineira a partir da observação de um clima alegre e harmônico que predominaria entre os membros da delegação. A seleção se mostraria como uma "verdadeira família":

... E na tranqüila cidade das termas fomos encontrar, coesa e unida, compenetrada de sua responsabilidade, uma autêntica "família", alegre e feliz, em que os chefes mandam e são obedecidos religiosamente nas horas de trabalho e se tornam camaradas nos momentos de "recreio", merecendo, como chefes ou amigos, o mesmo respeito por parte dos

³⁰ Idem, p. 2.

inferiores. Os jogadores, tanto se mostram obedientes e atenciosos no cumprimento da “ordem do dia”, sempre dispostos e prazerosos em atender ao toque de levantar e recolher, ir ao banho ou às refeições, à ginástica ou aos múltiplos exercícios individuais, como em participar de passeios ou palestras na mais cordial intimidade com superiores. Mas não é só. Não há dissensões entre Pedro ou Paulo, o coleguismo entre os “azes” predomina de maneira a fortalecer e valorizar um trabalho de organização como jamais o Brasil registrou em vésperas de sua participação nos cotejos internacionais...

Nada, porém, tem conseguido perturbar a harmonia reinante em Caxambu... A vontade de produzir é uma só, todos os esforços se congregam em torno do mesmo ideal e se desta vez não alcançarmos na “Taça do Mundo” os resultados de que nos julgamos capazes de obter, não será, como em ocasiões outras, por falta de boa vontade, disciplina e organização³¹.

O bom convívio da delegação nas palavras do autor da matéria estava fundamentalmente baseado na obediência e no respeito à hierarquia bem como na relação “amistosa” entre chefes e subordinados, uma bela demonstração do quadro de harmonia social que seria expresso em estádios franceses durante a Copa do Mundo. Uma harmonia criada e mantida com base na consideração de que cada um envolvido naquela empreitada deveria saber, antes de qualquer coisa, o seu devido lugar, seja acatando cordialmente os limites advindos de sua condição “inferior” (jogadores), seja usufruindo com autoridade e bom senso de sua posição superior (dirigentes).

Todavia, não foram somente os jogadores a divergir e destoar dos propósitos e interesses dos grupos organizadores da campanha brasileira à Copa de 1938. Para os inúmeros torcedores que acompanharam a irradiação dos jogos a partir de alto-falantes instalados em pontos estratégicos das principais capitais brasileiras, o que mais importava era o inédito e sonhado título mundial, posto que mais do que a imagem de uma nação

³¹ A Gazeta, 19 abr. 1938, p. 10.

civilizada e ordeira o que deveria ficar gravado a partir daquele torneio perante os torcedores europeus era a imagem de uma nação vencedora, do melhor futebol do mundo.

Dessa forma, a celebração que marcara a dramática vitória na estréia contra os poloneses seria tão logo seguida pela insatisfação e revolta em face de possíveis erros de arbitragem contra o escrete brasileiro no empate com os tchecos, nossos adversários nas quartas-de-final. A atuação do árbitro húngaro Hertza – que expulsou o zagueiro Machado e o meia Zezé Procópio, anulou um gol de Perácio e ainda marcou o pênalti que garantiu o empate aos europeus –, despertou a ira de muitos torcedores brasileiros, fato explorado - ainda que de forma exagerada e dramatizada – na matéria do *Jornal dos Sports* sobre o sentimento que envolveu a torcida durante e após a partida:

42 milhões e tanto de inimigos pessoais!
Eis o que o juiz húngaro arranhou no Brasil.
Interessantíssimo seria fazer uma crônica sobre a emoção da cidade, durante a partida entre os brasileiros e os tchecos. Foi uma emoção enorme, a que ninguém se mostrou insensível, e que teve todas as manifestações, das mais ingênuas às mais desesperadas ... A serenidade era impossível. Cavalheiros importantes, ‘granfinos’ caracterizados, gente espiritual, pessoas profundas, criança de pé descalço, senhoritas, senhoras – todo mundo fez torcida franca, aberta, ostensiva, ruidosa. Fulanos que se supunham incapazes de matar uma mosca ou nutrir uma simples e trivial simpatia – tiveram pelo juiz uma dessas raivas implacáveis que vão ao crime³².

Em tais circunstâncias para a grande maioria dos torcedores brasileiros não tinha a menor importância os tão apregoados valores morais que deveriam reger o comportamento de nossos jogadores em gramados internacionais. Ainda que o presidente Vargas fizesse questão de elogiar a postura dos atletas ao não se rebelarem mesmo diante dos graves erros

³² *Jornal dos Sports*, 13 jun. 1938, p. 1.

do árbitro daquele jogo, o que os torcedores gostariam de ter visto era uma atitude diferente de nossos *players* e dos chefes da delegação ante aquele episódio.

Contudo, após vencermos os tchecos no jogo-desempate com grande atuação de Leônidas³³, a alegria das ruas expressa em diversas notícias dando conta do delírio dos torcedores brasileiros em diversas partes do país, era acompanhada de alguns casos de aficionados que tiveram maiores ou menores “contratempos” na comemoração do triunfo brasileiro bem como após a fatídica derrota para a Itália:

Fortaleza, 14 – Quando, no auge do entusiasmo, soltava um foguetão, para comemorar a vitória do quadro brasileiro contra o tchecoslovaco, um sargento do exército teve um dedo dilacerado por ter-lhe explodido na mão a bomba do foguete³⁴. ...

Cidade de Salvador, 14 – O popular Agenor Palmeira, preso de grande emoção pela vitória dos brasileiros, foi acometido de uma síncope.

Conduzido para a Assistência, ao se reanimar suas primeiras palavras foram:

“Viva o Brasil!”...

- No Rio de Janeiro, 14 – Grupos numerosos cruzam as ruas, apesar das chuvas, vivendo os nossos cracks.

Verdadeira multidão parou em frente ao “O Jornal” e ao “Diário da Noite”, pedindo que enviassem chapas à delegação, a fim de que os jogadores vissem a exultação do povo pela vitória....

Maceió, 14 – Grande multidão aclamou, nas ruas da cidade, a vitória do Brasil.

Em frente a redação da Gazeta de Alagoas foi içada a bandeira nacional, de baixo de vivas e palmas da numerosa assistência.

A multidão prorrompeu em aplausos após o hino nacional que encerrou a irradiação da PRA-8³⁵....

Rio, 19 (H) – No momento em que era transmitido o jogo Brasil x Itália foi solicitado à polícia de Niterói um carro-forte para remover para a sala de alienados da Casa de Detenção, Júlia Silva, de 18 anos de idade.

Segundo informou o próprio delegado da Capital, sr. Raphael Affialo, a infeliz jovem teria sido acometida de um acesso de loucura motivado pela emoção do desenrolar do jogo³⁶.

³³ Por conta do resultado de 1 a 1 no primeiro confronto contra os tchecos, um jogo-desempate teve de ser realizado pelas regras do torneio, acabando com vitória brasileira pelo placar de 2 a 1, com gols de Leônidas e do extrema-direita Roberto. Com o resultado a seleção chegava a uma inédita semifinal onde teria pela frente os atuais campeões mundiais, os italianos, então vencedores do mundial de 1934, disputado em seu próprio país. *Jornal dos Sports*, 15 jun. 1938, p. 1 e 4.

³⁴ *A Gazeta*, 15 de junho de 1938, p. 9.

³⁵ *Diário de Pernambuco*, 15 jun. 1938, p. 5.

Como se pode apreender nessa descrição das manifestações populares nas capitais nordestinas e no Rio de Janeiro, a grande repercussão da Copa do Mundo de 1938 tinha no rádio a sua base de sustentação. O interessante também nesse trecho é o registro da vontade dos torcedores que acompanhavam a vitória contra os tchecos em frente à sede d'O Jornal e do Diário da Noite, onde os populares desejavam não somente que os jogadores soubessem da alegria despertada pelas bandas de cá graças à classificação à inédita semifinal (através dos telegramas enviados à delegação ou dos contatos por telefone), mas que a delegação tivesse a oportunidade de ver o delírio das ruas por conta das vitórias do nosso escrete. Por isso os pedidos para que fotos fossem enviadas ao selecionado na França, de modo que os jogadores tivessem a real dimensão e uma firme comprovação da alegria popular gerada por seus feitos em canchas francesas.

Ultrapassado mais um difícil obstáculo e teríamos pela frente a temida Itália pela semifinal. Em condições normais já seria uma tarefa bem complicada vencer a atual campeã mundial, mas este tão aguardado confronto apresentaria dois grandes empecilhos ao triunfo brasileiro de acordo com Mazzoni: a ausência de Leônidas por conta de uma distensão muscular adquirida no confronto contra a Tchecoslováquia; e a atuação controversa do árbitro suíço Wuthrich, protagonista de um dos lances mais polêmicos do Mundial: após um arremate a gol do atacante Ferrari, o seu companheiro Piola teria dado um pontapé em Domingos da Guia, ainda com a bola fora de campo. Antes que o goleiro brasileiro fizesse a reposição, Domingos revidou a agressão sofrida e o árbitro suíço não

³⁶ A Gazeta, 17 jun. 1938, p. 7.

hesitou em marcar o pênalti contra o Brasil. Os jogadores brasileiros ficaram pasmos diante da marcação, mas não se estenderam em reclamações contra o árbitro da partida³⁷.

Nas ruas da capital da República a tristeza pelo resultado final do jogo fora transpassada por um raio de esperança diante do boato que se espalhava de que o jogo estaria na iminência de ser anulado por conta dos erros de arbitragem que foram determinantes para o resultado final da partida. Propagando-se por milhares de torcedores o boato ia ganhando cada vez mais o status de verdade e fato já consumado. Para os aficionados, nas ruas do Rio de Janeiro, o jogo estava anulado e a vibração era como se o Brasil tivesse conquistado a Taça do Mundo:

O delírio dos primeiros momentos quando se apresentava como positiva a notícia da anulação foi indescritível. Vimos no Club Naval, todos os passageiros dos ônibus que largavam, erguerem-se como movidos num único impulso e vivarem os ‘cracks’ bradando:

- Anulado o jogo! Viva o Brasil!

Nos cafés formavam-se grupos onde se lembrava que Leônidas poderia tomar parte num novo jogo, enquanto os cavalheiros mais bem informados eram crivados de perguntas.

Em frente à redação do *Jornal Sports* enorme multidão permaneceu muito tempo à espera de notícias, que infelizmente porém, não corresponderam a expectativa da maioria que ansiava pela anulação imediata do match.³⁸

No entanto, as especulações não se confirmariam e, para a tristeza geral, o Brasil teria mesmo de se contentar com a disputa do terceiro lugar no certame internacional. O clima de velório fora registrado nas palavras do próprio chefe da nação, Getúlio Vargas (1995), em seu diário: “(Dia 16 de junho) Despacho com os ministros militares. Não houve audiências. O jogo de football monopolizou as atenções. A perda do team brasileiro para o

³⁷ O center-forward italiano, Giuseppe Meazza, converteria o penal abrindo 2 a 0 a favor dos italianos. O Brasil ainda descontentaria com o meia do Fluminense Romeu Pelicciari, mas o sonho da conquista do caneco acabaria por ali. *Jornal dos Sports*, 17 jun. 1938, p. 1 e 4.

³⁸ *Idem*, *ibid*.

italiano causou uma grande decepção e tristeza no espírito público, como se se tratasse de uma desgraça nacional”. (p. 140, grifo nosso)

Em Bordeaux, venceríamos os suecos pelo placar de 4 a 2 e conquistaríamos a melhor colocação brasileira em mundiais até então. A delegação seria surpreendida no reencontro com os torcedores nas passagens por Recife, Salvador e Rio de Janeiro. Na capital federal, a apoteótica recepção que deveria ser mais uma manifestação de controle social a incidir sobre os festejos da população carioca não seria suficiente para abrandar as calorosas demonstrações de gratidão e paixão dos torcedores. Para o *Jornal dos Sports*, tratou-se de uma resposta em grande estilo dada pelos torcedores às consideradas injustiças sofridas pelo escrete nacional em canchas francesas:

Absolutamente inédita a manifestação popular de ontem. Toda a cidade delirou. Os nossos ‘cracks’ foram recebidos com as glórias de autênticos campeões do mundo. Não importa o título oficial. Ou por outra: o título oficial não honraria tanto os nossos ‘cracks’, e não lhes daria uma emoção tão grata e profunda, como lhes deu a consagração de ontem. Mais vale ao nosso scratch ser campeão do mundo para a cidade do que para a FIFA ³⁹.

Para a imprensa esportiva o que se viu e presenciou nas ruas do Rio de Janeiro fora um verdadeiro carnaval fora de época, com direito até a confete e serpentina. Saudava-se o escrete nacional, fazia-se justiça ao futebol brasileiro, e a justiça popular neste caso não poderia vir de outro modo senão em forma de festa, uma festa digna de campeões mundiais.

O selecionado brasileiro era festejado pelos torcedores pouco importando o fato de que a taça e o título de campeão mundial não nos fossem reconhecidos pela FIFA. O entusiasmo popular alimentado pelas redações já havia elegido e coroado o “campeão por direito” daquela Copa do Mundo, em mais uma demonstração de que sob as aparentes

³⁹ *Jornal dos Sports*, 12 de julho de 1938, p. 1.

feições harmoniosa, ordeira e disciplinada daquela campanha, os conflitos e negociações a despeito de sua representatividade e significado na associação entre futebol e nação não estiveram ausentes. Mais do que a apresentação de uma “boa imagem” da nação nos gramados europeus, os torcedores subvertiam o discurso oficial nas muitas manifestações registradas em diversos pontos do país, fazendo do futebol um ritual de questionamento da ordem vigente numa sociedade profundamente caracterizada pelas marcas de um regime ditatorial.

Referências:

- ANDERSON, Benedict. *Nação e Consciência Nacional*. São Paulo, Editora Ática, 1989.
- BOTELHO, André Ricardo Maciel. *Da geral a tribuna, da redação ao espetáculo*. A imprensa esportiva e a popularização do futebol no Rio de Janeiro (1894 – 1919). 2005. 126f. Dissertação (Mestrado em História Comparada). Rio de Janeiro: UFRJ/Programa de Pós-Graduação em História Comparada.
- CAPRARO, André Mendes. *Identidades Imaginadas: Futebol e Nação na Crônica Esportiva Brasileira do Século XX*. Tese (Doutorado em História). Curitiba: Universidade Federal do Paraná (UFP), 2007, 381f.
- CASTRO, Ruy. *O anjo pornográfico*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- CORRÊA, Denise Aparecida. *Os Governos de Getúlio Vargas (1930-1954) e a Educação Física Escolar no Estado de São Paulo: lembranças de velhos professores*. 2009. Tese (Doutorado em História), São Paulo, PUC-SP.
- ELIAS, Nobert. *O Processo Civilizador: uma história dos costumes*. Ruy Jungman (trad.). 2. ed. Rio de Janeiro. Ed. Jorge Zahar. 1994a.
- _____. *O Processo Civilizador (vol. II): Formação de Estado e Civilização*. Ruy Jungman (trad.). 2. ed. Rio de Janeiro. Ed. Jorge Zahar. 1994b.
- FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (Org.). *O Brasil Republicano: o tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo*. V.2 Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FRANZINI, Fabio. A futura paixão nacional: chega o futebol. In: MELO, Victor Andrade de & DEL PRIORE, Mary (Org.). *História do Esporte no Brasil*. São Paulo: Editora UNESP, 2009, p. 107-131.

FREYRE, G. Ainda a propósito do futebol brasileiro. *O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 25 jun. 1955. Disponível em <http://bvfgf.fgf.org.br/portugues/obra/artigos_imprensa/ainda_futebolbrasileiro.html>. Acesso em 03 ago. 2010.

_____. 1983. *Jornal do Comércio*. Caderno de Esportes. Recife, 10 mai. 2000. Disponível em <http://www2.uol.com.br/JC/_2000/1004/es1004x.htm>. Acesso em: 03 ago. 2010.

GONÇALVES JUNIOR, René Duarte. *Friedenreich e a reinvenção de São Paulo: o futebol e a vitória na fundação da metrópole*. 2008. 146f. Dissertação (Mestrado em História) Universidade de São Paulo (USP).

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro (trad.). 7ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

MARANHÃO, T. J. F. de Albuquerque. Apolo versus Dionísio no campo da História: o futebol em Gilberto Freyre. *efdeportes Revista Digital*, Buenos Aires, ano 10, n. 73, jun. de 2004. Disponível em <<http://www.efdeportes.com/efd73/freyre.htm>> Acesso em: 09 mai. 2010.

MARQUES, José Carlos. *O futebol em Nelson Rodrigues: o óbvio ululante, o Sobrenatural de Almeida e outros temas*. São Paulo: Educ/Fapesp, 2000.

MAZZONI, Tomaz. *História do futebol no Brasil (1894-1945)*. São Paulo, Ed. Leia, 1950.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania*. Uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902 – 1938. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2000.

RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Futebol Brasileiro* (4ª edição). Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

SOUZA, Denaldo Alchorne de. *O Brasil entra em campo: estado, trabalhadores e imprensa na construção da identidade nacional através do futebol (1930-1947)*. 2002. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2002.

VARGAS, Getúlio. *Diário*. Vol. II. São Paulo: Siciliano, 1995.